

Vencendo o Mundo

“...porque todo aquele que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé.”

1 João 5.4 · NAA

Bispo Ildo Mello | Leitura prévia: Mt 4.1-11; Ne 1-2; Tt 2.11-15

PARA COMEÇAR

As perguntas que nos guiam

O mundo exerce um forte fascínio sobre as pessoas — até sobre os chamados por Deus. Este estudo pergunta:

Que fascínio o mundo exerce sobre você?

Como Jesus venceu o mundo?

O que Neemias nos ensina?

O DIAGNÓSTICO

O fascínio do mundo: ficar pelo caminho

Até Abraão, chamado por Deus para Canaã, foi tentado a ir para o Egito. Ainda bem que desistiu — senão lhe aconteceria o mesmo que sucedeu a seu pai.

Terá também fora chamado a deixar Ur dos Caldeus rumo a Canaã. Por alguma razão que desconhecemos, nunca chegou: acabou ficando em Harã. Como dizia meu professor de seminário, Nivaldo Nassif: **“as tentações do caminho podem nos fazer morar no caminho, sem jamais chegarmos ao nosso destino”**. A terra de Harã seduziu Terá — e ele por lá ficou.

- **Harã** — Terá parou no meio do caminho: a sedução do provisório que vira permanente (Gn 11.31).
- **Sodoma** — a mulher de Ló, apegada às atrações da cidade, olhou para trás e desistiu do caminho da salvação, tornando-se uma estátua de sal (Gn 19.26; Lc 17.32).
- **O Egito** — os hebreus morreram no deserto com saudades das cebolas da escravidão (Nm 11.5): o mundo cobra caro, mas tempera bem.
- **O presente século** — Demas, companheiro de Paulo, abandonou o caminho “por amar o presente século” (2Tm 4.10).

O mundo promete muita vida, mas produz morte no final das contas. Tudo o que o diabo oferece através do mundo visa nos separar do Deus da vida. O povo de Deus foi chamado para uma Canaã espiritual, mas é constantemente tentado a ficar pelo caminho em Harã, a olhar para trás, a voltar para o Egito e a abandonar tudo por amar o presente século. Por isso João nos exorta: **“Não amem o mundo nem as coisas que há no mundo”** (1Jo 2.15).

O MODELO

Como Jesus venceu o mundo

Este mundo mau e tenebroso possui suas atrações: as riquezas, o poder, o sucesso e os apetites da carne. Jesus venceu tudo isso quando foi tentado no deserto — e durante toda a sua vida, até a morte na cruz (Mt 4.1-11).

Os apetites. Faminto após quarenta dias de jejum, Jesus recusou transformar pedras em pães: **“Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus”** (Mt 4.4). Jesus em tudo foi tentado, pois possuía real natureza humana suscetível à tentação — mas, ao contrário do primeiro Adão, não pecou. Por isso

conhece bem o poder das tentações do diabo, da carne e do mundo, e podemos contar com sua compaixão: “não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; pelo contrário, ele foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça” (Hb 4.15-16).

As riquezas. Satanás ofereceu a Jesus todos os reinos do mundo e a sua glória — e Jesus não caiu, consciente de que o amor ao dinheiro é raiz de todos os males. Tendo vencido Mamom, deu o mandamento: “Não acumulem para vocês tesouros na terra... mas acumulem tesouros no céu... porque onde está o seu tesouro, aí estará também o seu coração (...) Vocês não podem servir a Deus e às riquezas” (Mt 6.19-24).

O poder. A ambição de poder corrompe o coração e nos leva a passar por cima do outro. Jesus proibiu os discípulos de brigar por posições, ordenando uma vida de serviço: maior é o que serve, não o que manda. Ele promoveu uma revolução conceitual — inverteu a pirâmide, e os últimos passaram a ser os primeiros. O maior de todos lavou os pés dos seus seguidores: venceu as ambições típicas deste mundo porque veio para servir, e não para ser servido (Mc 10.42-45).

A fama. Jesus desprezou as glórias deste mundo e jamais foi exibicionista. Disse não à tentação de saltar do pináculo do templo para ser espetacularmente salvo diante da multidão. Quando a multidão, maravilhada com a multiplicação dos pães, quis proclamá-lo rei, ele se retirou — não porque não fosse Rei de fato e de direito, mas porque percebia o interesse no pão deste mundo, e não no Pão da Vida (Jo 6.15, 26). E entrou em Jerusalém montado num jumentinho.

“Porque a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus.”

(Tt 2.11-13)

Jesus venceu Satanás, venceu a carne e venceu o mundo! Portanto, não permitamos que os espinhos desta vida sufoquem nosso amor por Deus: “o que foi semeado entre os espinhos é o que ouve a palavra, porém os cuidados do mundo e a fascinação das riquezas sufocam a palavra, e ela fica infrutífera” (Mt 13.22).

O EXEMPLO

A batalha de Neemias

Neemias vivia confortavelmente como copeiro do grande rei persa Artaxerxes (Ne 1.11–2.1). Mas, ao ouvir que seu povo e sua cidade estavam oprimidos, em grande miséria e ruína, entristeceu-se profundamente (Ne 1.4; 2.2-3).

O lamento de Neemias não é o de um desesperado, conformista ou fatalista, nem o de um murmurador que já entregou os pontos e engrossa o cordão das carpideiras. Movido por compaixão, ele chora, ora e busca uma solução — coloca-se como instrumento nas mãos de Deus, agente transformador da realidade. **Ele chora, ora e age!**

Diante de tamanha batalha, não fica buscando culpados — atitude comum dos que se autojustificam — nem espera que alguém faça alguma coisa. Não transfere a responsabilidade: assume o fardo, pois quer ser parte da solução: “peço que me envie...” (Ne 2.5).

O MOTOR DE TUDO

Um homem de oração

Neemias ora nos momentos de crise (1.4), ora para confessar pecados (1.6), ora quando é perseguido (4.4) e ora diante da tentação (6.9). Antes de falar com o rei, fala com Deus (1.10-11). Antes de reformar os muros de Jerusalém, buscava a reforma dos muros do próprio coração. Orava e agia, fazendo o que estava ao seu alcance; orava e vigiava (4.9)!

O rei notou a tristeza de Neemias — nunca o vira triste, pois era um homem alegre, disposto, cheio de fé e amor,

frutos do Espírito (Gl 5.22). Movido por compaixão, Neemias age respeitando as autoridades constituídas (2.5-9), ciente de que Deus, que o movia, também moveria o coração do rei. Sua integridade e lealdade de anos no palácio colaboraram para a simpatia do rei às suas solicitações (2.8). Neemias nunca foi rebelde: quando opositores tentaram acusá-lo de rebeldia (2.19), a acusação se provou infundada — ele portava carta de autorização assinada pelo próprio Artaxerxes.

A compaixão nos aproxima dos aflitos: Neemias deixa o palácio e viaja para onde está o problema. Primeiro avalia a situação in loco. Não era exibicionista nem afoito: esperou três dias antes de qualquer atitude (2.11), não compartilhou os planos de início (2.12) e fez inspeção noturna para não chamar atenção (2.13). Avaliação cuidadosa é necessária: é preciso entender o problema antes de propor soluções.

Diante da calamidade, não desanima — a fé o torna otimista quanto ao futuro. Estrategicamente busca recursos e promove mobilização, motivando a todos para, unidos, reconstruírem os muros (2.17-18). Ninguém constrói muralhas sozinho. A visão, a fé e o entusiasmo de Neemias são contagiantes; o povo responde: “Sim, vamos começar a reconstrução!” — e cumpre o que promete.

A OPOSIÇÃO

Escárnio, ameaças, calúnias e traição

Sempre haverá opositores contra a obra de Deus. Neemias enfrentou inimigos externos, como Sambalate e Tobias, e internos — traidores do próprio povo, como Semaías (6.10-13). Foi escarnecido e ridicularizado (4.1-3), sofreu ameaça de ataques físicos (4.7-8), calúnias (6.5-9), a traição de um falso amigo e falso profeta, e inúmeras provocações (6.19). Não desanimou diante dos pessimistas e invejosos de plantão (2.19-20; 6.3); não subestimou o inimigo — sempre alerta, orando e vigiando (4.9, 16) — nem se intimidou: “Não tenham medo deles. Lembrem-se do Senhor, que é grande e temível” (4.14). E revelou discernimento espiritual para não ser enganado pelos falsos profetas (6.12-13), ensinando-nos a levantar muros de proteção não apenas em volta da cidade, mas em torno de si.

Neemias mostrou-se íntegro mesmo depois de assumir o governo (5.14-18). Não foi a Jerusalém de olho no posto — sua missão nasceu de pura compaixão (1.3-4). Fiel no pouco, sobre muito foi colocado, e seguiu leal a Deus e aos seus princípios (Mt 25.23). E nos conclama a lutar em favor da família: “ludem por seus irmãos, por seus filhos e por suas filhas, por suas mulheres e por suas casas” (4.14) — e note-se: “cada um fazia reparos em frente da sua própria casa” (3.28). Precisamos fechar as brechas da muralha e combater todos os inimigos que pretendem destruir a família, lembrando que nossa luta não é contra carne e sangue (Ef 6.12; 2.1-2).

Neemias liderou com sabedoria, firmeza, coragem e planejamento. O capítulo 3 revela a bela organização: cada um com tarefa específica, muita cooperação — “ao lado de”, “junto a estes” —, equipes em turnos que se revezavam. **Grandes coisas acontecem quando não nos importamos com quem vai levar a fama!** Gente que só trabalha se for o centro das atenções conspira contra a obra de Deus — como os que “praticam todas as suas obras com o fim de serem vistos pelos homens” (Mt 23.5). Os muros foram reconstruídos em apenas 52 dias (6.15-16): trabalho em equipe debaixo da bênção de Deus!

E o mais lindo veio depois: a reconstrução trouxe dignidade, proteção e paz — mas o trabalho não parou. Neemias colaborou para que o povo se voltasse às Escrituras (Ne 8), e a Palavra produziu um grande avivamento espiritual. O povo fez um pacto de priorizar as coisas de Deus: “Não negligenciaremos o templo do nosso Deus” (10.39). Povo de Deus é povo do pacto, comprometido com a Missão — não dá para ser cristão nominal, servindo a Deus de qualquer maneira. Como Jesus, Neemias purificou o templo e zelou pela santidade do ministério (13.26-30).

Quantas lições preciosas! Neemias não se conformou com este mundo: venceu as tentações do palácio e foi à luta para restaurar os muros da sua cidade, solidário à dor dos seus conterrâneos — revestido das armas espirituais do amor solidário, da justiça do Reino, da oração, da fé, da Palavra e da vigilância.

No próximo estudo da série, o arsenal completo: nossas armas espirituais — a força do amor e a armadura de Deus, peça por peça, do cinto da verdade à espada do Espírito, com a oração e as ações de graça.

Questões para reflexão

Responda por escrito, diante de Deus.

- 1. Que espécie de fascínio o mundo exerce sobre você?
- 2. O que você tem feito para não se conformar com este mundo? (Rm 12.1-2)
- 3. Que lições em Neemias são mais úteis para você diante dos desafios que você tem de enfrentar?

REFLEXÕES

“Que espécie de fascínio o mundo exerce sobre você?” (questão 1 do livro). Medite antes de abrir a resposta sugerida.

O estudo oferece quatro espelhos — e cada um denuncia um fascínio diferente. Harã é o fascínio do conforto no meio do caminho: nada de escandaloso, apenas um bom lugar para parar; pergunte-se que chamado de Deus ficou “para depois” porque a vida presente está confortável demais. Sodoma é o fascínio do que ficou para trás: a mulher de Ló não voltou — só olhou (Gn 19.26; Lc 17.32); que passado ainda prende o seu olhar? O Egito é o fascínio da memória seletiva: as cebolas lembradas, a escravidão esquecida (Nm 11.5); que pecado antigo a sua memória anda temperando? E o presente século é o fascínio de Demas (2Tm 4.10): não uma queda dramática, mas um amor que migrou aos poucos. O exame honesto se faz com Rm 12.1-2 nas mãos: a não conformação com este mundo não é proibição isolada, é consequência de um culto — corpo entregue como sacrifício vivo e mente em renovação contínua. O coração não suporta vácuo: o fascínio do mundo só é vencido por um fascínio maior. Por isso a pergunta final não é “do que devo abrir mão?”, mas “tenho contemplado a Cristo o suficiente para que Harã perca a graça?” (Hb 12.2).

Alguém objeta: “Se não devemos amar o mundo, o cristianismo é fuga do mundo — alienação.” Como responder com mansidão, à luz de Neemias?

Comece desfazendo o equívoco de vocabulário que o próprio estudo resolve (e o Estudo 7 detalha): “mundo”, em 1Jo 2.15, não é o planeta nem as pessoas — é o sistema de valores corrompido pelo pecado. Deus ama o mundo que criou (Jo 3.16); o que se proíbe é amar a ganância, a opressão e a mentira que o desfiguram. Depois, apresente Neemias como refutação viva da tese da fuga: o homem que não amava o mundo foi exatamente o que largou o conforto do palácio para mergulhar no problema — inspecionou ruínas, organizou mutirão, enfrentou calúnia e reconstruiu uma cidade em 52 dias. Quem ama o sistema acomoda-se a ele; quem ama a Deus arregaça as mangas contra a miséria que o sistema produz. A sequência bíblica é “não vos conformeis... mas transformai-vos” (Rm 12.2): não conformação sem transformação seria alienação; transformação é engajamento com outra pauta — a do Reino. Jesus orou exatamente assim: “não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal” (Jo 17.15) — sal na terra e luz no mundo (Mt 5.13-16). O cristão não foge do mundo: recusa-se a ser cúmplice dele para poder servi-lo de verdade.

PARA CASA

Ler Ne 1-2 e Ne 8, sublinhando cada oração de Neemias e cada ação que a acompanha. Depois, escrever qual dos quatro espelhos — Harã, Sodoma, Egito ou o presente século — mais fala à sua vida hoje, e definir uma atitude concreta de não conformação nesta semana (Rm 12.1-2), de preferência algo que sirva a alguém oprimido ou necessitado.

Citações bíblicas: NAA — Nova Almeida Atualizada · Do livro do Bispo Ildo Mello · Editoras No Cenáculo e Filhos da Graça · Estudo interativo, com avaliação e cartões de memorização, em metodistalivre.org.br/liceos